

## O USO DE JOGOS PARA A INCLUSÃO EM CLASSE DE ALFABETIZAÇÃO

DIULI ALVES WULFF<sup>1</sup>; CELIANE DE FREITAS RIBEIRO<sup>2</sup>, PATRICIA PEREIRA CAVA<sup>3</sup> GILCEANE CAETANO PORTO<sup>4</sup>.

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas 1 – diulii.alves@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas 2 – celianevigorito@hotmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas 3 – patriciapereiracava@gmail.com*

<sup>4</sup>*Universidade Federal de Pelotas – gilceanep@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo relatar a utilização de jogos, como ferramenta de inclusão em uma turma de alfabetização. Este tema fez parte dos estudos desenvolvidos no projeto de ensino do PET Pedagogia denominado “Grupo de estudos: Estágio com o PET”. A experiência ocorreu durante o período de estágio final obrigatório, do curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal de Pelotas, em uma turma de primeiro ano em uma escola municipal. Para a contextualização do relato, pretende-se explicitar as questões que envolvem o processo de alfabetização e em seguida relatar como o material do Centro de Estudos em Educação e Linguagem – CEEL da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, foi importante para a inclusão de alunos com deficiência.

O processo de alfabetização é fundamental para acessarmos os demais setores sociais, culturais e econômicos. É a partir das habilidades de leitura e escrita que garantimos grande parte da nossa autonomia enquanto indivíduo, tendo em vista que somos sujeitos pertencentes a uma sociedade *grafocêntrica*, ou seja, centrada na cultura escrita SOARES (2020). Frente a importância da alfabetização ratifica-se também que esse processo seja oportunizado de maneira equânime atendendo a diversidade presente no ambiente escolar.

Segundo a Lei Brasileira de Inclusão, LBI, Art. 4º (2015) “Toda pessoa com deficiência tem direito à igualdade de oportunidades com as demais pessoas e não sofrerá nenhuma espécie de discriminação.” Com base nisso, é necessário que o espaço escolar garanta a inserção, a permanência e a participação ativa dos estudantes com deficiência, promovendo a construção de sua autonomia enquanto indivíduos.

Nessa perspectiva, cabe ao professor refletir sobre estratégias de ensino para o desenvolvimento de todos os educandos, levando em consideração a complexidade do processo de apropriação do sistema de escrita alfabético. SOARES afirma que a escrita é a manifestação visível da fala (2016, p.38) e que alfabetização não é a aprendizagem de um *código*, mas a aprendizagem de um sistema de representação, em que signos (grafemas) *representam*, não codificam, os sons da fala (os fonemas), (2020, p.11). Sendo assim, o processo de alfabetização é antecedido por diversas habilidades e marcados pela compreensão de propriedades do sistema de escrita alfabética. Segundo MORAIS (2012, p.51), essas propriedades são:

1. Escreve-se com letras que não podem ser inventadas, que têm um repertório finito e que são diferentes de números e de outros símbolos;
2. As letras têm formatos fixos e pequenas variações produzem mudanças em sua identidade (p, q, b,d), embora uma letra assuma formatos variados (P, p, P, p);

3. A ordem das letras no interior da palavra não pode ser mudada;
4. Uma letra pode se repetir no interior de uma palavra e em diferentes palavras, ao mesmo tempo em que distintas palavras compartilham as mesmas letras;
5. Nem todas as letras podem ocupar certas posições no interior das palavras e nem todas as letras podem vir juntas de quaisquer outras;
6. As letras notam ou substituem a pauta sonora das palavras que pronunciamos e nunca levam em conta as características físicas ou funcionais dos referentes que substituem;
7. As letras notam segmentos sonoros menores que as sílabas orais que pronunciamos;
8. As letras têm valores sonoros fixos, apesar de muitas terem mais de um valor sonoro e certos sons poderem ser notados com mais de uma letra.
9. Além de letras, na escrita de palavras usam-se, também, algumas marcas (acentos) que podem modificar a tonicidade ou o som das letras ou sílabas onde aparecem.
10. As sílabas podem variar quanto às combinações entre consoantes e vogais (CV, CCV, CW, CW, CVC, V, VC, VCC, CCVCC...), mas a estrutura predominante no português é a sílaba CV (consoante-vogal), e todas as sílabas do português contêm, ao menos, uma vogal.

Para a compreensão dessas propriedades é importante que o professor utilize diferentes recursos e abordagens. A partir da variabilidade metodológica encontramos maneiras de trabalhar com as singularidades de cada educando. RIBEIRO e FRANCO (2007) afirmam que é fundamental o rompimento das barreiras atitudinais para garantir esse direito aos estudantes.

Com relação a variabilidade metodológica ratifica-se o uso de jogos enquanto ferramenta lúdica no processo de alfabetização. Assim como em BRASIL (2009, p. 8) “Nos momentos de jogo, as crianças mobilizam saberes acerca da lógica de funcionamento da escrita, consolidando aprendizagens já realizadas ou se apropriando de novos conhecimentos nessa área.” Por isso, o jogo permite a interação e a troca de alunos em diferentes etapas do processo da escrita, colaborando com a consolidação do conhecimento. Além disso, a troca entre os pares auxilia no fortalecimento da autoestima dos educandos.

A seguir será relatado como a utilização dos jogos do CEEL auxiliaram na inclusão de educandos com Transtorno do Espectro Autista, TEA, em uma turma de alfabetização.

## 2. ATIVIDADES REALIZADAS

Para compreender a dinâmica dos alunos, inicialmente observamos a sala de aula e dialogamos com a professora titular. A turma é constituída por vinte alunos, com faixa etária entre 6 e 7 anos em uma escola da rede municipal de Pelotas, entre esses alunos, 4 possuem o diagnóstico de TEA. É importante ressaltar que todos fazem o uso da fala, apesar de demonstrar dificuldades na comunicação, a partir da necessidade de apoio, descrito enquanto *Nível 1* de suporte segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) (2014).

O Transtorno do Espectro Autista é um transtorno do neurodesenvolvimento, caracterizado por interesses restritos, prejuízos na comunicação e na interação social DSM-V (2014, p.53). O TEA é descrito como

um espectro devido à sua variabilidade, que reflete diferentes níveis de necessidade de suporte.

Essa necessidade é compreendida enquanto níveis de apoio relacionados aos prejuízos, segundo o DSM-V (2014) estes são descritos de acordo com três níveis sendo esses: *Nível 1 exigindo apoio*; *Nível 2 exigindo apoio substancial*; *Nível 3 exigindo apoio muito substancial*.

Inicialmente percebemos o afastamento em relação à turma, de dois desses quatro alunos, através da manifestação de e maior prejuízo na comunicação e na interação entre os pares. Para a preservação de suas identidades os educandos serão apresentados como aluno M e aluno B. Ambos apresentaram dificuldades diferentes relacionadas ao ambiente escolar, o aluno M manifestava maior dificuldade em relação à execução das tarefas e ao diálogo com os colegas. O aluno B demonstrava questões comportamentais e dificuldade na interação, apresentando eventuais comportamentos disruptivos.

Foi a partir dessas dificuldades em sala de aula que evidenciou-se a necessidade de elaborar estratégias de fortalecimento das interações entre os educandos. O aluno B demonstrava maior facilidade na execução das tarefas e estava no nível alfabético de escrita, já o aluno M demonstrava maior dificuldade na realização das atividades e utilizava a garatuja como representação da escrita no começo do estágio. Os níveis de escrita são categorizados como etapas do desenvolvimento da escrita do aluno. São descritos cinco níveis. O primeiro, sendo esses o pré-silábico, onde o aluno pode utilizar desenhos, ou garatujas para se expressar; nível 2, quando utiliza letras, sem levar em consideração a pauta sonora; nível 3 ou silábico já faz relação entre os sons e a escrita, utilizando uma letra com valor sonoro para representar a sílaba; nível 4, silábico-alfabético, quando o aluno passa a reconhecer que a sílaba pode ter uma combinação de fonemas; nível 5, onde o aluno comprehende a estrutura da palavra e passa a enfrentar as questões ortográficas de escrita, nível alfabético (FERREIRO, TEBEROSKY, 1999).

Para contemplar ambos os níveis de escrita, foi necessário pensar em atividades mais flexíveis e dinâmicas. No primeiro momento escolhemos o jogo Batalha de Palavras, do material do CEEL. O jogo tem como objetivo a segmentação da palavra em sílabas, a identificação da sílaba como unidade fonológica, a comparação entre palavras a partir do número de sílabas e a compreensão de que a palavra é constituída por unidades menores, BRASIL (2009, p.61). O jogo foi realizado em grupos de quatro crianças, onde estas batalhavam em duplas. A proposta era que os colegas pudessem interagir enquanto dupla e competir com os demais. Após a rodada fazíamos a rotatividade entre duplas, sendo assim o processo de interação foi mobilizado de maneira lúdica.

Outra atividade utilizada para o processo foi o Bingo de Sons Iniciais, que assim como o batalha de palavras, o jogo também tem como objetivo a compreensão da segmentação das palavras em unidades menores as sílabas. Este jogo também objetiva que o aluno perceba que palavras diferentes possuem partes sonoras iguais, BRASIL (2009, p.18). Os alunos jogaram em duplas e cada dupla recebeu uma cartela e seis tampinhas para marcar os sons sorteados. O jogo foi repetido semanalmente durante seis semanas ao total. As duplas também passaram por rotatividade.

A partir dessas atividades observamos maior adesão do grupo, assim como o fortalecimento das relações. Em relação aos alunos mencionados anteriormente, também foram observados avanços significativos em relação à

interação. O aluno B além de aumentar seu tempo de permanência em sala de aula, demonstrou a diminuição de alguns comportamentos disruptivos, tendo em vista a frequente necessidade de trocas e a utilização de regras durante os jogos. O aluno M, também passou a interagir e brincar mais com os colegas, seu avanço refletiu no processo de escrita, o mesmo permaneceu no nível pré-silábico, no entanto, passou a utilizar letras para representar a escrita.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de inclusão é fundamental para o avanço do desenvolvimento do educando, tanto nos aspectos sociais quanto no aprendizado de conteúdos. Com a utilização dos jogos foi possível ultrapassar alguns desafios presentes na sala de aula, de maneira que os educandos participassem ativamente.

Logo, o processo de inclusão pode ser pensado a partir do uso de diferentes recursos, facilitando a interação entre os pares e a dinâmica em sala de aula. Ratifica-se também que é fundamental ultrapassarmos as barreiras atitudinais que impedem a construção de um ambiente educacional mais equânime.

### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. **Estatuto da Pessoa com Deficiência**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm)

BRASIL, Ministério da Educação. **Manual Didático: Jogos de Alfabetização**. Brasília. MEC/UFPE, 2009.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999 [1984].

**Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**: DSM-5 / [American Psychiatric Association ; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento et al.] ; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli .[et al.] – 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2014.

MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

RIBEIRO, Joana Vicente; FRANCO Marco Antonio Melo. **Crianças com paralisia cerebral: especificidades do processo de alfabetização**. Vitória: III CONBALF, 2017.

SOARES, Magda. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2016.